



## **A Fotografia como reconhecimento da memória do patrimônio cultural<sup>1</sup>**

Jackelina Pinheiro Meira Kern<sup>2</sup>

Marise de Santana<sup>3</sup>

Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)

### **RESUMO**

Documentar o primeiro lugar de convivência das pessoas: a nossa casa, o nosso lar, na qual a cidade cresce a partir dela em todas as direções. A partir deste objetivo, este artigo discute a relação entre fotografia e memória das fachadas de casas encontradas nas cidades de Juazeiro/BA e Petrolina/PE, construídos entre o final do século XIX e a década de 30 do século XX. Para tanto, utiliza-se de um percurso metodológico baseado na metodologia da hermenêutica da profundidade em que as fotografias servem de artefatos para recorrer às memórias que vão surgir com as narrativas de histórias de vida. Comprovou-se que as fotografias suscitam admiração nos moradores ao olhar as fachadas das casas e são instrumento de reconhecimento das memórias individuais e coletivas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Fotografia; Memória; Fachadas; Identidade; História Oral.

### **Introdução**

Ao chegar ao norte da Bahia para residir por um período definido, conheci um mundo que já povoava o meu imaginário, pois traz muitas semelhanças com a cidade em que nasci, Xique-Xique-Ba. Neste sertão corre um rio, que de tão importante, tem nome de santo, Rio São Francisco. E ao longo desse rio homens e mulheres fincaram suas raízes, criando teimosamente vilas e cidades que, como o rio, insiste em ir em frente. As cidades de Juazeiro-Ba e Petrolina-Pe são gêmeas nascidas de

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Fotografia do XI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestrando do Curso de Desenho, Cultura e Interatividade do Programa de Letras e Artes da UEFS e bolsista da Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB). Email: [jackelinapm@hotmail.com](mailto:jackelinapm@hotmail.com)

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professora do Mestrado em Desenho e Cultura da UEFS. Email: [nabaia@ig.com.br](mailto:nabaia@ig.com.br)



Estados distintos, mas filhas do sertão, cientes de suas diferenças, com um legado em comum: o patrimônio arquitetônico que reúne uma história de conquistas, que as tornam um lugar para viver e morar.

As imagens vistas ao caminhar nas ruas estreitas de Juazeiro e as do centro antigo de Petrolina me remetiam a lembranças de várias outras cidades que nasceram nas margens do rio São Francisco e que pude conhecer ao longo da minha existência, principalmente lembranças da minha cidade, Xique-Xique, no interior da Bahia. O encantamento veio quando observei, por vários momentos, os traços, que desenhados no alto das casas, despertaram de imediato a ideia de uma obra de arte: as platibandas.

Diante disso, passei a analisar de que maneira poderia contribuir com o registro e a história dessas casas, procurando saber quem foram os moradores que habitaram as residências no início do povoamento das cidades e de onde vieram os construtores que tão bem bordavam aquelas platibandas. Deste modo, propus-me a pensar em uma forma de registrar a memória visual relacionada ao ambiente urbano existentes nas cidades de Juazeiro/BA e Petrolina/PE.

Estas edificações estão situadas geograficamente na área de abrangência do Rio São Francisco, cuja área de extensão é de 2.800km e drenando aproximadamente 641.000 km<sup>2</sup>. O Rio começa no estado de Minas Gerais, passando pelos estados da Bahia e Pernambuco até desaguar em Sergipe e Alagoas. Penedo foi o primeiro núcleo povoador das margens do São Francisco. A cidade foi fundada em 1522, no atual estado de Alagoas, por Duarte Coelho Pereira. Ao longo desses anos, a região do Vale, especificamente as cidades de Juazeiro e Petrolina, caracteriza-se por uma bonita arquitetura remanescente do desenvolvimento da região e da grande influência comercial. Como diria Theodoro Sampaio, Juazeiro no início do século XX era “a corte do sertão” (DUARTE, 1985).

O resgate da memória visual através da fotografia nos alerta para manter um acervo de imagens das edificações, pois as mesmas podem vir a ser



demolidas nessas cidades. Percebemos claramente a transformação do panorama urbano e sentimos que, em breve, as cidades estarão completamente diferentes, devido à modernização em decorrência da construção de Sobradinho, em 1973, e pela implantação dos perímetros irrigados.

Como fazer as pessoas entenderem que a arquitetura pode evidenciar a memória de uma cidade? Entendi que, através do registro fotográfico e da coleta de dados a partir da história de cada casa, as pessoas poderiam associar arquitetura à memória. Bem como, entender que a cultura local é história, faz parte não só da vida de quem herdou a construção arquitetônica, mas faz parte da memória de toda a sociedade.

A motivação para registrar o patrimônio cultural das cidades de Juazeiro e Petrolina foi a falta de documentação visual sobre a maioria das cidades ao longo do rio nos acervos das Bibliotecas Públicas Municipais. A fotografia é um documento que registra uma imagem no tempo, uma vez que essas cidades sofreram uma rápida transformação no panorama urbano, acentuadamente a partir da década de 1970.

Nesse artigo, pretendo analisar como a imagem fotográfica das fachadas das casas pode ser objeto de reconhecimento da cultura de um povo, a partir do que os moradores lembram e contam sobre as suas residências<sup>4</sup>. O semiólogo russo Yuri Lotman considera que “*cultura é memória*” e, em essência, se dirige contra o esquecimento, (LOTMAN: 1998, p.157). Assim, valorizar a cultura na sua diversidade é fundamental para que possamos nos situar na oralidade e na visualidade, uma vez que não se pode conceber memória sem imagem.

Para fundamentar essa análise, este artigo analisa as imagens fotográficas das fachadas a partir de um percurso metodológico da hermenêutica da profundidade (HP), defendida por John Thompson (1995), para fazer relembrar aspectos da identidade cultural dos

---

<sup>4</sup> Objeto de estudo do Mestrado em Desenho, Cultura e Interatividade do Programa de Letras e Artes da Universidade Estadual de Feira de Santana



moradores. Thompson (1995) propõe uma tríplice análise da HP, para compreendermos como as pessoas produzem e recebem as informações na sua vida cotidiana. A Hermenêutica da Profundidade, segundo Thompson, “[...] resumidamente, é o estudo da construção significativa e da contextualização social das formas simbólicas”. O primeiro passo para os trabalhos hermenêuticos é a etnografia com a avaliação de como os sujeitos entendem a sua realidade, a hermenêutica da vida cotidiana que chamamos de interpretação da doxa, reconstruindo as maneiras de como as pessoas entendem a realidade ao seu redor. Ainda segundo o autor, devemos nos ater no sentido das formas simbólicas que estão inseridas nos contextos sociais, em tradições históricas e que são parte da história, tanto sua racionalidade, quanto sua ideologia. Para ele, formas simbólicas são: “um amplo espectro de ações e falas, imagens e textos, que são produzidos por sujeitos e reconhecidos por eles e outros como construtos significativos” (THOMPSON, 1995, p. 79).

Diante dessas imagens, a fotografia pode servir de objeto de rememoração e reconhecimento sobre um passado.

## **1. Reflexões sobre fotografia e memória**

A memória consiste em duas atividades principais: reconhecimento e reconstrução. Reconhecimento de um passado que as cidades vivenciaram, com influência arquitetônica grega, egípcia e oriental e demonstrando o empoderamento de determinados segmentos sociais. Reconstrução de toda uma história de quando ainda eram vilas e que passam, hoje, por um processo de investigação sobre o passado, entremeando a memória individual e a coletiva.

A memória se torna coletiva quando ela está inserida em quadros de referência, seja no contexto familiar, social, nacional. Um homem para evocar o seu próprio passado tem frequentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros. Ele se reporta às referências que existem fora dele e que são fixadas pela sociedade (HALBAWACHS, 2004, p.30).



Uma dessas referências se constitui pelo conjunto de imagens que compõem o patrimônio arquitetônico, como nos fala Maurice Halbwachs:

Chego pela primeira vez em Londres, e passeio com várias pessoas, ora com um, ora com outro companheiro. Tanto pode ser um arquiteto que atrai minha atenção para os edifícios, suas proporções, sua disposição, como pode ser um historiador: aprendo que tal rua foi traçada em tal época, que aquela casa viu nascer um homem conhecido, que ocorreram, aqui ou lá, incidentes notáveis. Com um pintor sou sensível à tonalidade dos parques, à linha dos palácios, das igrejas, aos jogos de luz e sombras nas paredes e as fachadas de Westminster, do Templo, sobre o Tamisa (2004, p.30).

Esse patrimônio pode ser registrado por meio de imagens fotográficas, podendo significar documentos históricos por carregarem em si o testemunho de uma época. De acordo com Kossoy (1998), todo o conteúdo de uma fotografia guarda experiências de vida de um determinado momento e/ou situação significativa e se torna também condição para se retomar às histórias singulares, restaurando-as, no momento presente, para fazer emergir sensações e emoções carregadas de significados, deixando de ser apenas uma referência e "reassumindo a sua condição anterior de existência" (KOSSOY: 1998, p.45).

Esse caráter da fotografia e relaciona com a tradição do fotodocumentarismo, iniciada no final da metade do século XIX e no início do século XX com uma vertente de compromisso social. Nasce assim a fotografia de natureza etnográfica e documental, no qual o fotógrafo deseja “conhecer o outro, saber como o outro vive, o que pensa, como vê o mundo”, além de oferecer “ao leitor um testemunho, mostrar a quem não está lá como é ou o que sucedeu”, como afirma Sousa (2000, p. 55).

## **2. A fotografia como reconhecimento do passado**

Caminhar por uma cidade é a maneira mais fácil de conhecê-la e de descobrir coisas novas. Foi assim que descobri nas cidades do Vale do São Francisco, a beleza da sua arquitetura. Hoje, algumas perecendo, mas que marcou com a história do surgimento das cidades, o glamour

merecedor de uma época de ouro. Objeto de pesquisa, os desenhos das platibandas e arquitetura encontrados nas casas do Vale nos remetem a lembranças de símbolos de poder constituído de maneira a enobrecer os que ali habitavam. Os símbolos também são linguagens que nos ajudam a compreender o passado.

Clifford Geertz (1989) diz que os símbolos sagrados funcionam para sintetizar o *ethos* de um povo – o tom, o caráter e a qualidade da sua vida, seu estilo e disposições morais e estéticos e sua visão de mundo, o quadro que fazem do que são as coisas na sua simples atualidade, suas idéias mais abrangentes sobre ordem e suas relações de empoderamento. Na imagem abaixo, temos uma demonstração desses significados:



Essa imagem é do Clube Apollo Juazeirense, que juntamente com o Clube 28 de setembro na cidade de Juazeiro, realizava as principais festas de carnaval da cidade e abrigava os filhos da terra, que tinham recursos materiais como sócios. No prédio, o Clube Apollo ostenta, na platibanda, o desenho de um instrumento musical, numa simbologia ainda hoje a relação de poder simbólico.

Apesar dos símbolos serem importantes para a identidade das comunidades, o desenvolvimento econômico e social tem levado à



destruição de parte desse patrimônio, requerendo um registro visual dessas fachadas para que os que vivem hoje e os nossos descendentes possam lembrar-se de como foi a cidade no passado. Sendo assim, poderá haver um processo de reconstrução da memória através da fotografia.

Para Susan Sontag (1986), uma vez que as mudanças históricas continuam a se acelerar, o passado se transformou no mais surreal dos temas, devido às transformações do espaço urbano. Parte dos fotógrafos atribuiu a si a tarefa de registrar um mundo em vias de desaparecer. Sontag comenta ainda sobre a restauração da catedral de Notre Dame na França, em que Viollet-le-Duc contratou uma série de daguerreótipo antes do início do processo para registrar o prédio.

Ao analisar as fotografias em uma perspectiva histórica, parte-se do princípio de que a nossa história não é meramente uma seqüência de datas, fatos puros, sem nenhuma influência externa para que possamos compreender melhor o que aconteceu com a cidade e como vivemos no presente.

Sabemos que as fotografias, registradas no passado, foram utilizadas em nosso tempo para a reconstituição dos lugares, dos cenários e até mesmo para a identificação destes locais que já não existem mais.

Assim, ao olhar para uma fotografia, podemos nos remeter ao reconhecimento do passado, das histórias da cidade e das pessoas que, por meio de suas memórias reavivadas pelas imagens, constroem novos significados para o presente. Isso é possível porque compreendemos o uso das fotografias como instrumentos metodológicos para coleta de dados das histórias de vida dos moradores.

Estes relatos podem ser identificados como processo de reconstrução da identidade e ordena acontecimentos que balizam uma existência social e individual. Por meio do contar a sua história, o indivíduo define o seu lugar histórico e suas relações com a sua cultura.



É o que percebemos ao realizar o registro de cinco casas para desenvolver a pesquisa do Mestrado em Desenho, Cultura e Interatividade que servirão de base para coletar dados sobre os desenhos esboçados nas platibandas e as culturas dos moradores das referidas casas que foram registradas a partir de critérios de relevância como: valor histórico; qualidade arquitetônica relacionada a estilos; fruição estética ao despertar sensibilidade pela beleza; valor sentimental; pois se referem a casas comuns na região do Vale, e a própria memória da cidade, identificando quem foram os residentes e o legado que nos deixaram.

Na atual fase da pesquisa, submetemos as fotografias ao olhar dos moradores para identificar os elementos de identidade cultural, e analisando a possibilidade de criar subsídios para a reconstrução da memória, tornando assim parte importante para estabelecer uma relação entre memória e fotografia, contribuindo para a história das cidades através da morfologia urbana e do refinamento do olhar.

Ao olhar a fotografia de sua residência<sup>5</sup>, a casa com ramalhetes amarela situada na rua Conselheiro João Alfredo nº 2009, em Petrolina-Pe, Stellita Santana de Carvalho e Déa Rachel Santana nutrem um valor sentimental muito forte ao falar do passado, com estórias curiosas a respeito da família. A casa que possui uma das mais belas fachadas encontradas nas cidades ao longo do rio foi a casa do primeiro dentista (conhecido na época como o dentista das freiras), Emidio Santana.

Stellita Santana, nos fala dos desenhos de ramalhetes que existe na platibanda de sua residência como um jardim suspenso.

---

<sup>5</sup> Entrevista concedida no dia 05 de agosto de 2010.



Esse ramalhete é como se representasse um jardim, muitas flores, não é? Eu acho que quiseram fazer essa arte, por que não tinham jardim na casa, colocaram lá em cima e flor é coisa nobre, para ficar mais nobre a fachada ou alegre como sempre foi nessa casa desde o tempo do meu avô e continua sendo comigo e com minha irmã Déa. Mas a gente não acha ninguém pra pintar e manter como era antes, as pessoas hoje tem preguiça de fazer a pintura dos detalhes pra realçar como antes.

A expressividade voluntária das imagens que buscamos, representam para essas famílias algo que vão além da imaginação da proposta que os artífices e os proprietários procuram desabrochar. As cores não eram tão brancas e sim caprichadas na cal com pigmentação vermelha, amarela, azul, verde, um colorido que reaparecia no interior das casas, principalmente nas salas de visita com pinturas surrealistas (pintadas por artífices da própria cidade) e que absorviam o glamour da sociedade européia.

Stellita Santana não estava delirando nas suas lembranças, ela sabe sim o que aqueles ramalhetes significavam particularmente para sua família e a homenagem que o seu avô fez na ocasião. Segundo os artigos e textos encontrados nos escritos dos memorialistas como do escritor Aparício Lima no livro intitulado *Petrolina e eu através dos tempos*, ele relata que Emídio, o avô de Stellita, era um homem distinto, elegante e romântico, e procurou sintetizar da forma mais boêmia (já que era um perfeito



cavaleiro da época) os sentimentos amorosos por sua esposa e pela família. Se na casa não havia um quintal com plantas e flores, essas foram feitas na frente da casa, precisamente nas platibandas.

Joly (2001) relata que a imagem é um meio de expressão e de comunicação que nos vincula às tradições mais antigas e ricas de nossa cultura. Ao depararmos com as imagens em concreto que as platibandas nos mostra, imediatamente visualizamos os desenhos e a técnica utilizada na cal para o desenvolvimento da imagem presente. É como a análise de um arquiteto ou desenhista para realizar o sonho de um cliente. Seus sentimentos e o modo de vida se confundem com a subjetividade presente na alma e nos pensamentos daquela família que querem mostrar na realidade a materialização de seus atos.

Stellita, ao declarar a sua paixão pela arquitetura da casa que pertence a sua família, não esquece a pintura contínua no alto das paredes internas e na sala de visitas com a imagem de Santa Apolônia, padroeira dos dentistas. Ao indagar sobre as fotografias da família ou um álbum desses que por vezes são guardados por familiares, ela chora mais uma vez e relata sobre um incêndio na casa da irmã Déa Raquel, que consumiu todos os móveis, roupas e inclusive todos os álbuns de família.

Ao verificar algumas fotografias encontradas em sua casa, ela lamenta não ter mais as fotos da casa e de não ter fotografado antes da reforma nas paredes, que elas tentaram fazer em vão. Segundo ela, como aquelas pinturas eram muito comum naquele tempo, não tinham um valor reconhecido.

Sontag (2004) declara que:

É comum, para aqueles que puseram os olhos em algo belo, lamentar-se de não ter podido fotografá-lo. O papel da câmera no embelezamento do mundo foi tão bem-sucedido que as fotos, mais do que o mundo, tornaram-se o padrão do belo. Anfitriões orgulhosos de sua casa podem perfeitamente mostrar fotos do lugar onde moram para deixar claro aos visitantes como se trata de uma casa, de fato, maravilhosa. (P.101)



Para Stellita não foi diferente, entrando na sua casa, percebemos o quanto sofre por não ter como mostrar o bom gosto da família nos tempos de vida dos pais. Mas faz questão de nos envolver com a nova casa e o que restou (por sinal bastante presente), da decoração antiga e da arquitetura que ainda não sofreu grandes transformações.

Nas conversas, descobrimos um fato curioso. Na rua da residência de Stellita, existe uma praça e ainda não havíamos nos atentado para o nome da praça: 21 de setembro, início da primavera. As flores no alto da platibanda do Sr. Emidio Santana e as janelas em formato de vasos, sinal de riqueza e ostentação, ainda que modesta, passam a representar a data primaveril e revelar um sentimento do proprietário.

Ao observar os detalhes arquitetônicos das casas estudadas e relatando esses detalhes com os proprietários, é notório o interesse dos mesmos pelo assunto ainda que desconhecido. Aguçar a memória subterrânea dessas pessoas, por vezes causam uma certa euforia, alegria, saudosismo e até mesmo mal-estar por lembrar de fatos acontecidos.

Percebemos que os hábitos familiares sofrem influências de distintas identidades, quando lhe é peculiar e aprazível, o ritual e os exemplos citados nos relatos. Ao utilizar a fotografia para fazer chegar ao presente dessas memórias, ocorreu um processo de identificação e construção de novos conhecimentos.

Conversando com a historiadora Maria Isabel Figueiredo<sup>6</sup>, mais conhecido como Bebelá, percebi a sua indignação pelo descaso em relação ao patrimônio arquitetônico das duas cidades e a falta de registro visual das casas que estão sendo destruídas, como o que aconteceu com a casa de Dr. Adolpho Viana, médico na guerra de Canudos, que foi destruída na cidade de Juazeiro-Ba para ser vendido o terreno para ser construído um prédio, ainda sendo edificado.

---

<sup>6</sup> Entrevista concedida no dia 14 de julho de 2008 para o Trabalho de Conclusão de Curso em Comunicação Social da Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

Para Bebela, “foi um crime destruir uma casa que abrigou uma pessoa tão importante para história da Bahia, do Brasil, como o Drº Adolpho Viana, médico da guerra de Canudos”.



Ainda falando sobre o patrimônio de Juazeiro-Ba, Bebela cita outros prédios que também foram deteriorados com o tempo, como a da Estação Ferrovia Leste. Conversamos e o tema parecia emocionar aquela figura histórica que defendeu a necessidade de preservar a memória exclamando: “Isso aqui é um descaso das autoridades. Como deixar um prédio como aquele da estação chegar a esse ponto”. As fotografias abaixo demonstram o estágio precário do prédio.



Segundo reportagem feita pelos alunos do curso de Comunicação Social da UNEB, Micael Benaic e Sheila Gomes para o jornal Cobaias (2007), a estação está registrada no Arquivo Público Municipal e da Centro-Oeste Brasil como sendo a mais antiga ferrovia da Bahia e interligou a estação de Alagoinhas ao rio São Francisco, em Juazeiro, construída em 1876. A obra possibilitou a ampliação do comércio, a comunicação com a capital e o rápido desenvolvimento da região. A Estação está desativada desde 1979.



## **Considerações**

Diante da análise realizada, compreendemos a fotografia como um instrumento de reconhecimento, uma imagem detida, sendo assim é memória. Constatamos e entendemos que a imagem traça um percurso nas lembranças dos moradores servido como objeto de reconhecimento da sua cultura, evidenciado através da arquitetura escolhida por cada morador e principalmente das fachadas das casas através das cores, portas, janelas, desenhos e modelos escolhidos por cada família.

Uma arquitetura que é modificada ou destruída ao longo dos anos, mas que provoca o reconhecimento de um povo através das imagens apresentadas. Mas se questionássemos sobre qual a importância de procurar na fotografia os vestígios do passado, responderíamos que não somos eternos andarilhos e o nosso legado é deixar as gerações futuras uma imagem, uma casa, uma lembrança.

Esse poderá ser o início da conscientização da sociedade a respeito de sua memória e que escreve, diariamente, a história de uma cidade, de sua vida e que amanhã será parte do passado. Assim, “todas as imagens (que) poderão se perder no tempo como lágrimas em dia de chuva”, não de ser lembradas, apreciadas e preservadas pelas gerações futuras. E, desejamos que não sejam apenas imagens.



## REFERÊNCIAS

BOSI, Eclea. **Memória e Sociedade: lembrança de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

DURAND, Gilbert. **Campos do Imaginário**. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989. **HALBWACHS, Maurice (1877-1945). A memória coletiva. São Paulo: Vértice, 1990**

HALBWACHS, Maurice (1877-1945). **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

KOSSOY, B. **Fotografia e memória: reconstituição por meio da fotografia**. Em E. Samain (Org) *O fotográfico*. São Paulo: Hucitec, 1998.

JOLY, Martine. **Introdução a análise da imagem**. Campinas, SP: Papyrus, 1996. (Coleção Ofício de Arte e Forma).

LOTMAN, Iuri. *La semiosfera II: semiótica de La cultura, del texto, de la conducta y Del espacio*. Selección y traducción Del ruso por Desiderio Navarro. Madrid: Ediciones Cátedra.

SONTAG, Susan. **Ensaio sobre fotografia (on Photography)**. Trad: Rubens Figueiredo São Paulo, Companhia das Letras, 2004.

SALGADO, Sebastião. **A narrativa do olhar**. – São Paulo: Bei Comunicação, 2000 (Coleção êxodos: programa educacional).

SOUSA, Jorge Pedro de. **Uma história crítica do fotojornalismo ocidental**. Chapecó: Grifos; Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2000.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna**. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

## Periódicos

Jornal Laboratório Cobiias, março de 2007, ano 03, nº 01.

## Fontes orais

Maria Isabel Figueiredo, historiadora, memorialista, professora. Entrevistada nos dias 14 de julho de 2008 na sua residência no Condomínio Country Club.

Stelitta Santana, entrevistada no dia 05 de agosto de 2010 na residência Rua Conselheiro João Alfredo, 2009.